

## A História Antiga e as burocracias curriculares: como ensinar quando o sistema não te permite?

### Ancient History and curriculum bureaucracies: how to teach when the system does not allow it?

Amanda Milan Dionizio<sup>17</sup>

Artigo recebido em 23 de março de 2023

Artigo aceito em 12 de junho de 2023

**Resumo:** O presente artigo tem por intenção principal estabelecer um espaço de questionamentos e reflexões acerca do papel da História Antiga enquanto componente curricular no ensino básico regular e no ensino superior, além de reconhecer sua importância no cotidiano da formação sociocultural do ser humano contemporâneo. Pretendemos, também, refletir sobre a dificuldade de abranger os conteúdos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) após a (contra)reforma do Ensino Médio.

**Palavras-chave:** História Antiga; ensino básico; Ensino Médio.

**Abstract:** This article's main intention is to establish a space for questions and reflections about the role of Ancient History as a curricular component in regular basic education and higher education, in addition to recognizing its importance in the daily sociocultural formation of contemporary human beings. We also intend to reflect on the difficulty of covering the contents of the National Common Curricular Base (BNCC) after the (counter) reform of Secondary Education.

**Keywords:** Ancient History; basic education; high school.

### Introdução

É sabido e amplamente discutido, dentro da academia, sobre a presença e a importância da História Antiga, não apenas no ensino e pesquisa de História, mas também nas esferas socioculturais e políticas. Esses debates tornam-se cada vez mais acalorados no século XXI, sobretudo após o lançamento da primeira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>18</sup>, de 2015 que, após praticamente excluir os estudos sobre Antiguidade, foi duramente criticada por historiadores e professores da educação básica e do ensino superior. Essa exclusão se deu pela justificativa da necessidade de se estabelecer um estudo

<sup>17</sup> Licenciada em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8155-5940> . E-mail: amandamdionizio@hotmail.com

<sup>18</sup> A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nasce da tentativa de se estabelecer uma base curricular comum em todo território nacional, a fim de evitar muitas disparidades do ensino devido às diferenças locais.

focado na História do Brasil, assumindo, então, que a História Antiga nada tinha que ver com a configuração e formação do Brasil.

Essa premissa cai por terra porque, como muito bem aponta Gilberto da Silva Francisco, “a ideia de herança cultural, de civilização e de ocidente, para serem discutidas criticamente na redefinição de fronteiras e posições no debate histórico, dependem do conhecimento da História Antiga” (2017, p. 40). Não se deve pensar que a Antiguidade nada tem a oferecer no entendimento do mundo e do Brasil, já que existem diversos conceitos que advém de tempos antigos e ainda estão presentes, de variadas maneiras, não apenas no Ocidente, mas também em todo o mundo. Após toda a intensa movimentação, a BNCC foi reformulada, contando na sua segunda versão, de 2016, com os estudos de História Antiga no Ensino Fundamental Anos Finais, concentrados no sexto ano.

Para além da presença nos currículos escolares e livros didáticos, a História Antiga, ao contrário do que muitos pensam, está inserida no cotidiano dos brasileiros, seja em referências artísticas e literárias, aglutinando interesse do público, como a série documental Rainha Cleópatra (2023)<sup>19</sup>, que vem ocasionando debates em redes sociais, ou então no âmbito político, onde as referências à Antiguidade são - mal - utilizadas pelos representantes na Câmara e no Senado, como parte da retórica,

“uma vez que nossas instituições políticas e nosso vocabulário político é majoritariamente herança greco-romana, e os jovens, por sua vez, devem entender suas origens, transformações ao longo do tempo e seu funcionamento para atuarem plenamente nelas.” (Leite, 2017, p. 25).

Dessa forma, reafirmamos que o contato das pessoas com temáticas relativas aos espaços-tempos mais antigos é corriqueiro, por isso, a importância de se ter uma formação escolar que consiga proporcionar para seus estudantes as ferramentas necessárias para se conhecer, questionar e utilizar a Antiguidade<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup> Série produzida pela Netflix.

<sup>20</sup> Aqui, entendemos como uma boa formação escolar, uma formação em que os alunos possam se entender enquanto sujeitos históricos e sejam ativos em seu processo de aprendizagem, sendo o papel do professor o de orientar e, nesse processo de orientação, utilizar diferentes fontes

Ademais, tanto academicamente, quanto no imaginário popular, a História Antiga ainda está muito associada à antecedência e formação dos estados-nações europeus<sup>21</sup>. Esse tipo de visão negativa que assombra a História Antiga acaba, de certa forma, prejudicando o desenvolvimento da área, visto que a historiografia, a partir do século XX, tenta se livrar das amarras de uma história tipicamente tradicional e ocidental e, ao estudar temas 'clássicos', como Grécia e Roma Antigas, pode-se temer reafirmar estereótipos em detrimento de outros povos em diferentes espaços, que comumente são excluídos e/ou silenciados. Não obstante, pontuamos que os estudos sobre a Antiguidade Clássica são igualmente bem-vindos, assim como as História Antiga da África, História Antiga das Américas e História Antiga do Oriente. É possível estudar os povos considerados clássicos a partir de novas perspectivas e trazer novas discussões sobre estes temas que, por décadas, foram relegados à uma historiografia tradicional/ocidental.

### **As consequências das mudanças curriculares no ensino de História Antiga.**

Que os estudos sobre a Antiguidade são importantes para a formação dos estudantes, não apenas na composição de um currículo escolar, mas também no cotidiano sociocultural e político, há muito é discutido e afirmado. Dessa forma, como garantir uma boa formação em estudos de História Antiga quando o sistema educacional brasileiro parece não estar preocupado com essa formação? Ainda que significativos, a maioria dos debates sobre assuntos relacionados à Antiguidade e sobre o próprio ensino de História Antiga estão aglutinados em grupos, núcleos e laboratórios de estudos e pesquisas de universidades; e esses, apesar de terem uma grande produção (periódicos, eventos, cursos de curta duração etc.), essa produção não é utilizada para a montagem de livros didáticos e currículos da educação básica de maneira - realmente - não eurocêntrica.

---

históricas, além de, pensando nos estudos de História Antiga, abrir os horizontes para diversas narrativas sobre diversos povos em espaços variados.

<sup>21</sup> Construção advinda do século XIX, durante o processo do reconhecimento da História como ciência e, concomitantemente, a eclosão do nacionalismo e formação dos estados-nações europeus.

Outro aspecto que merece espaço para reflexão, além de bases e currículos da educação básica, são as grades-horárias dos cursos de História nas universidades. O dia a dia do professor de História do ensino regular vem sofrendo mudanças nas últimas duas décadas e não é fácil, a situação é ainda mais complicada para aqueles que ministram aulas para o Ensino Médio. Após a (contra)reforma do Ensino Médio, aprovada pela lei nº 13.415/2017, durante o governo de Michel Temer, o tempo em sala de aula para a disciplina de História, que já não parecia suficiente para o processo de aprendizagem, foi drasticamente diminuído. Isso ocorre, porque, mesmo que tenha tido o aumento da carga horária do Ensino Médio, agora de 3000 horas, as únicas disciplinas obrigatórias são Matemática, Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

Nesse novo formato, a História enquanto disciplina fica integrada nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, juntamente com a Filosofia, Geografia e Sociologia e fica a cargo de cada instituição escolar, pública ou particular, se serão ofertadas como disciplinas individuais ou como um conglomerado. Portanto, não é assegurado que todos os estudantes tenham as mesmas aulas de História, ou que, sequer, tenham aula de História. Dentro desse contexto, a ideia de uma boa formação em História Antiga torna-se ainda mais distante. Vale, ainda, lembrar que no Ensino Fundamental II, ainda que a disciplina de História seja obrigatória e assegurada a todos os estudantes, enfrentamos problemas, como a presença da História Antiga apenas no sexto ano, sem ser retomada, em conjunto com outros temas, nas séries seguintes ou no Ensino Médio<sup>22</sup> (NOTA DE RODA PÉ referência disso aqui). Ademais, os livros didáticos continuam perpetuando narrativas ultrapassadas, porque não acompanham as discussões mais recentes da academia, e acabam construindo capítulos, destinados a temáticas de História Antiga, estereotipados e eurocêntricos.

A situação não se encontra muito favorável para o ensino de História devido às reformas curriculares que diminuem, cada vez mais, o tempo de aula dedicado à disciplina, logo os desafios diários dos professores do ensino básico

---

<sup>22</sup> LEITE, Priscila Gontijo. Ensino de História, Reformas do Ensino e Percepções da Antiguidade: Apontamentos a partir da atual conjuntura brasileira. **Mare Nostrum**, n. 8, 2017, p. 23.

ficam maiores. Como conseguir abordar as temáticas relacionadas à Antiguidade com número reduzido de aulas? Como desenvolver com os alunos narrativas e fontes históricas diferenciadas das tradicionais eurocêntricas? Que tipo de formação, sobre a História Antiga, os professores de História estão tendo nas universidades?

A formação de professores de História ocupa um local igualmente importante. Se compreendemos a necessidade do ensino e pesquisa em História Antiga e da importância que este tem na formação social dos estudantes, compreendemos também a necessidade de cursos de graduação em História que capacite futuros professores a enfrentarem as dificuldades de se ensinar Antiguidade. Logo, chamamos a atenção para uma formação, em universidades, que promova o contato dos futuros professores com a Antiguidade em seus variados tempos, espaços e povos.

Ao pensarmos em grades curriculares dos cursos de História, colocamos a importância da presença dos estudos de Antiguidade Clássica, que muito nos agrega, mas também o desenvolvimento das Histórias Antigas da África, América e Oriente, de maneira integrada nas disciplinas de História Antiga. O contato com a Antiguidade e sua desvinculação com o eurocentrismo logo no curso de graduação, sem necessariamente ter afinidade à área e participar de grupos de estudo e pesquisa, pode ajudar na maneira que professores encaram o desafio de auxiliar no processo de aprendizagem de seus alunos em História Antiga.

Dessa forma, reconhecemos que a própria formação dos professores de História também tem impacto na maneira que História Antiga é ensinada no ensino básico. Não obstante, não podemos nos perder dos verdadeiros empecilhos que afetam a aprendizagem sobre temáticas da Antiguidade: a falta de espaço dedicado à essas temáticas nos currículos, o não acompanhamento dos livros didáticos com os avanços na historiografia e a falta de tempo de sala de aula para o melhor aproveitamento, com a ajuda de fontes históricas, na apresentação e discussão da História Antiga.

### **Reflexões finais**

Ao longo deste brevíssimo artigo, compreendemos alguns aspectos que permeiam a importância do estudo e pesquisa da História Antiga, tanto no ensino básico, como no ensino superior, além de sua presença no cotidiano dos brasileiros. Partindo desse princípio (do reconhecimento dessa presença importante), nos propusemos a questionar e refletir de que maneira as bases curriculares e os próprios currículos, do ensino básico e do ensino superior, podem afetar de maneira negativa a percepção e o aprendizado sobre temáticas oriundas da História Antiga.

Com esses apontamentos e reflexões, pudemos perceber que, em primeiro lugar, é de extrema importância o tipo de formação que os professores de História têm nas universidades. Isso se dá devido ao nosso entendimento de que, se tivermos uma boa formação do componente curricular, ainda na graduação, podemos retirar o estigma que relaciona a Antiguidade à estudos unicamente eurocêntricos. Podemos fazer isso a partir dos estudos das outras Histórias Antigas, como da África e da América, além de. Também, estabelecer novas perspectivas e narrativas sobre o que chamamos de Antiguidade Clássica.

Levando em consideração que temos, na educação básica, problemas com a falta de temáticas mais abrangentes nas bases e currículos, além de livros didáticos que

ainda possuem problemas no tratamento da Antiguidade, podendo contribuir para a construção de preconceitos, já que continuam adotando uma visão da Antiguidade eurocêntrica, com simplificações, generalizações, erros graves, anacronismos, juízo de valores e, normalmente, estão desatualizados, utilizando uma linha de raciocínio da primeira metade do século passado. (Leite, 2017, p. 17).

Professores que, mesmo sem possuir afinidade com o tema, estejam atualizados das discussões dos especialistas de Antiguidade, podem fazer um trabalho melhor no que compete o ensino de História Antiga.

Não obstante, infelizmente, não podemos nos esquecer da questão que, aqui, colocamos como a principal vilã do ensino e pesquisa em História Antiga, na educação básica: a falta de tempo. Muitos professores de História do Ensino Fundamental e Ensino Médio, mesmo os que pesquisaram e produziram dentro

da História Antiga, encontram a falta de tempo de trabalhar tais conteúdos. Esse é um problema que não afeta apenas a História Antiga, mas o ensino de História como um todo e das Ciências Humanas em geral.

No Ensino Fundamental II temos a abordagem da Antiguidade apenas no sexto ano, sem fazer um resgate das temáticas, mesmo quando se torna extremamente importante, como no estudo do Renascimento<sup>23</sup>. No Novo Ensino Médio, a disciplina de História nem aparece com um componente curricular individual, estando inserida nas habilidades e competências das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Dessa maneira, reafirmamos, mais uma vez, o descaso generalizado com o ensino de História, o que complica ainda mais a vida do professor da educação básica.

Dentro desse cenário, o estudo da Antiguidade, seja a clássica, ou de povos, espaços e tempos marginalizados pela historiografia do século XIX, fica cada vez mais relegado ao escanteio, sem tempo hábil de trabalho dentro de sala de aula. Para mais, a falta de recursos, sobretudo nas escolas da rede pública, que tornem o aprendizado de um tema tão complexo mais atraente para os estudantes é mais um obstáculo que dificulta a vida dos professores de História.

Ademais, gostaríamos de aproveitar esse espaço para ressaltar que apesar de todas as dificuldades presentes no ensino de História e no ensino de História Antiga, assim como das Ciências Humanas e Sociais em geral, professores de toda a rede de ensino básico, seja em instituições públicas ou privadas, esforçam-se diariamente para cumprir com o seu papel de orientador do processo de aprendizagem dos alunos. Damos destaque aos trabalhos com fontes históricas, em suas mais variadas formas, dentro de sala de aula, que conecta o aluno com o fazer historiográfico, além da utilização, sobretudo após o período pandêmico, que nos atingiu a partir de 2020, de tecnologias, como mídias, programas e jogos digitais, que quando bem utilizados, aliados às fontes históricas, enriquecem ainda mais as aulas sobre História Antiga.

---

<sup>23</sup> LEITE, Priscila Gontijo. Ensino de História, Reformas do Ensino e Percepções da Antiguidade: Apontamentos a partir da atual conjuntura brasileira. **Mare Nostrum**, n. 8, 2017, p. 23.

Por fim, reafirmamos a presença da História Antiga no cotidiano sociocultural e político dos brasileiros, e a necessidade de um ensino de História que, através de metodologias com uso de fontes históricas, possa permitir uma boa aprendizagem sobre História Antiga para os alunos. Para tanto, evidenciamos, mais uma vez, a necessidade de revisões e reformas nos currículos bases da educação básica, sobretudo no Ensino Médio, que reconheçam a importância do ensino de História e do ensino de História Antiga na formação de estudantes, não apenas como bons profissionais, mas também como cidadãos.

### **Referências:**

#### **Documentos Normativos:**

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – Educação é a Base. Brasília, **MEC/CONSED/UNDIME**, 2017.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Currículo Paulista Etapa Ensino Médio. **SEDUC/Undime SP**, São Paulo: SEDUC/SP, 2020.

#### **Bibliográficas:**

BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. Editora Cortez, Perdizes/SP, 2ª edição, 2008.

BONDIOLI, Nelson de Paiva; ROSSI, Andrea Lúcia D. de O. C. História Antiga para quê? Possibilidades entre Ensino e Entretenimento por meio de jogos digitais. **Acta Sci. Educ.**, v. 43, 2021.

CARVALHO, Alexandre Galvão. Diálogos entre a História Antiga e o Ensino de História. **Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino**, v. 2, n. 6, p. 17-34, jul/dez. 2020.

FRANCISCO, Gilberto da Silva. O lugar da História Antiga no Brasil. *Mare Nostrum*, n. 8, 2017, p. 30-61.

LEITE, Priscila Gontijo. Ensino de História, Reformas do Ensino e Percepções da Antiguidade: Apontamentos a partir da atual conjuntura brasileira. **Mare Nostrum**, n. 8, 2017, p. 13-29.

SANTOS, Dominique; KOLV, Grazielle; NAZÁRIO, Juliano João. O Ensino e a Pesquisa em História Antiga no Brasil: Reflexões dos dados da Plataforma Lattes. **Mare Nostrum**, n. 8, 2017, p. 115-145.